



BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DA TEORIA MARXISTA PARA O FEMINISMO E O ECOFEMINISMO

**Breves consideraciones sobre la influencia de la teoría marxista en el feminismo y el
ecofeminismo**

Brief considerations on the influence of marxist theory on feminism and ecofeminism

Wanessa Silveira Costa¹

Resumo:

Este trabalho teve por objetivo demonstrar a influência da teoria marxista para a construção do feminismo e, consequentemente, para o ecofeminismo, haja vista a interligação entre os referidos temas. Dessa forma, o texto foi dividido em três partes, onde cada uma explora resumidamente uma temática. Na primeira parte, a abordagem se restringiu sobre a origem, a história e a importância do feminismo. Na segunda parte, o foco foi em estabelecer a influência da teoria marxista para a construção e sedimentação do feminismo. Na terceira e última parte, o tema desenvolvido foi sobre o ecofeminismo, especialmente sobre a sua origem relacionada ao feminismo e as influências da teoria marxista para a sua construção. Assim, para amparar a pesquisa, foi utilizada pesquisa bibliográfica, a exemplo de livros, artigos, dissertações, publicações sobre o tema, em especial, nas contribuições de algumas publicações da filósofa, professora e feminista Silvia Federici. Portanto, as obras da mencionada autora e as demais utilizadas para a construção do texto permitiram uma compreensão sobre a importância do feminismo para a análise das opressões de gênero e as desigualdades sofridas pelas mulheres em razão do avanço do capitalismo, assim como a relevante e evidente influência da teoria marxista na busca desse enfrentamento, mesmo com as lacunas citadas no texto. Assim, com o avanço da teoria feminista e em razão de sua pluralidade de pautas, surgiu, neste contexto, o ecofeminismo que se preocupa com a exploração da natureza e possui, também, em suas bases teóricas, a influência da teoria marxista.

Palavras-chave: Feminismo. Teoria Marxista. Ecofeminismo.

Resumen:

Este trabajo tuvo como objetivo demostrar la influencia de la teoría marxista en la construcción del feminismo y, en consecuencia, del ecofeminismo, dada la interconexión entre dichos temas. De esta manera, el texto se dividió en tres partes, en las cuales cada una explora de forma resumida una temática. En la primera parte, el abordaje se centró en el origen, la historia y la importancia del feminismo. En la segunda parte, el foco estuvo en establecer

¹ Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2005). Pós-graduada em Direito Processual Civil pela Universidade Anhanguera/LFG/IBDP (2012). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: wanessaeadvocacia@gmail.com



la influencia de la teoría marxista en la construcción y consolidación del feminismo. En la tercera y última parte, el tema desarrollado fue el ecofeminismo, especialmente su origen relacionado con el feminismo y las influencias de la teoría marxista en su conformación. Así, para sustentar la investigación, se utilizó la revisión bibliográfica, como libros, artículos, disertaciones y publicaciones sobre el tema, en especial las contribuciones de algunas obras de la filósofa, profesora y feminista Silvia Federici. Por lo tanto, las obras de la mencionada autora y las demás utilizadas para la elaboración del texto permitieron comprender la importancia del feminismo para el análisis de las opresiones de género y de las desigualdades sufridas por las mujeres en razón del avance del capitalismo, así como la relevante y evidente influencia de la teoría marxista en la búsqueda de dicho enfrentamiento, incluso con las lagunas señaladas en el texto. De esta manera, con el avance de la teoría feminista y debido a su pluralidad de agendas, surgió, en este contexto, el ecofeminismo, que se preocupa por la explotación de la naturaleza y que también tiene, en sus bases teóricas, la influencia de la teoría marxista.

Palabras clave: Feminismo. Teoría Marxista. Ecofeminismo.

Abstract:

This work aimed to demonstrate the influence of Marxist theory for the construction of feminism and, consequently, for ecofeminism, given the interconnection between the referred themes. Thus, the text was divided into three parts, where each briefly explores a theme. In the first part, the approach was restricted to the origin, history and importance of feminism. In the second part, the focus was on establishing the influence of Marxist theory for the construction and sedimentation of feminism. In the third and last part, the theme developed was about ecofeminism, especially about its origin related to feminism and the influences of Marxist theory for its construction. Thus, to support the research, bibliographical research was used, such as books, articles, dissertations, publications on the subject, in particular, in the contributions of some publications by the philosopher, professor and feminist Silvia Federici. Therefore, the works of the mentioned author and the others used for the construction of the text allowed an understanding of the importance of feminism for the analysis of gender oppression and the inequalities suffered by women due to the advance of capitalism, as well as the relevant and evident influence of Marxist theory in the pursuit of this confrontation, even with the gaps mentioned in the text. Thus, with the advancement of feminist theory and due to its plurality of guidelines, ecofeminism emerged in this context, which is concerned with the exploitation of nature and also has, in its theoretical bases, the influence of Marxist theory.

Keywords: Feminism. Marxist Theory; Ecofeminism.

Introdução

O presente trabalho surgiu de uma reflexão sobre a importância do movimento feminista para a ruptura de padrões de opressão, subordinação e invisibilidade das mulheres. No entanto, importante considerar que o feminismo possui uma pluralidade de relações e influências teóricas e políticas, o que permitiria explorar com profundidade o tema. Ocorre que, mesmo plural, o movimento feminista, ao aprofundar sobre a questão das relações de subordinação e exploração da natureza, contribuiu para a concepção do chamado ecofeminismo, que é uma teoria voltada para a discussão das problemáticas das questões ambientais, reforçada pelo avanço do capitalismo, bem como sobre as opressões sofridas pelas mulheres.

Assim, como já mencionado, os temas acima citados permitiriam ampla pesquisa, porém, o objetivo do presente trabalho é estabelecer, resumidamente, a relação e a influência

da teoria marxista com o movimento feminista e, conseqüentemente, com o ecofeminismo. Destaca-se que este trabalho foi elaborado em três seções, com auxílio de pesquisa bibliográfica, em especial, com as contribuições e publicações da filósofa, professora e feminista Silvia Federici.

A primeira seção traz uma abordagem sobre o surgimento e a importância do feminismo e suas ondas, justamente para permitir uma compreensão sobre as motivações que implicaram na busca pela libertação da opressão feminina e do sistema patriarcal vigentes na época do surgimento do referido movimento. A segunda seção tratou de desenvolver a influência da teoria marxista, presentes nas obras de Karl Marx e Friedrich Engels mencionadas no trabalho, que mesmo com a existência de lacunas, foram importantes para o fortalecimento da teoria feminista, especialmente com o avanço do sistema capitalista e intensificação da exploração do trabalho das mulheres.

Por fim, a última seção aborda a relação da base teórica marxista para o surgimento do ecofeminismo, haja vista que este movimento foi concebido por influência do feminismo, com foco em evidenciar as formas de exploração das mulheres e da natureza. Neste sentido, depreende-se, pela pesquisa realizada, que os temas abordados na pesquisa encontram-se interligados e a evidente influência da teoria marxista para o feminismo e o ecofeminismo é uma realidade para a construção teórica dos referidos movimentos.

Breve abordagem sobre a história do feminismo

Historicamente, as mulheres sempre foram tratadas com desigualdade, deixadas em segundo plano, taxadas como seres humanos inferiores e excluídas dos espaços públicos, bem como silenciadas em relação aos poderes de decisão, dentre vários outros meios e modos de exclusão. Elas ficavam relegadas, quase que exclusivamente, para a reprodução, nos cuidados com a família e nos afazeres domésticos. Ocorre que essa situação, motivada e defendida por uma sociedade fortemente machista e patriarcal do século XIX, não foi pacífica ao longo da história ocidental e culminou com um sentimento de indignação por parte das mulheres, inclusive no Brasil, e isso contribuiu para o surgimento do feminismo, conforme menciona

Céli Regina Jardim Pinto:

A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufragetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918 (Pinto, 2010, pág. 15).

Portanto, foi no século XIX que surgiu a chamada primeira onda do movimento feminista, que ficou marcado por mobilizações na busca de igualdade social, direito ao voto, direitos políticos, direito à educação e melhores condições de vida e trabalho para as mulheres, bem como para toda a sociedade. Importante considerar que, neste período, a luta pela universalização dos direitos civis e políticos eram voltados, exclusivamente, para os homens. Além disso, havia uma ideia de que existiam diferenças corporais e de vivência que justificavam a invisibilidade e a exclusão das mulheres (De Alcantara e Martins, 2012, pág.100).

Ainda, importante frisar que o século XIX foi influenciado pela revolução industrial e, conseqüentemente, pelo avanço do capitalismo, pelo uso da força feminina de trabalho e isso intensificou as reivindicações relacionadas a melhores condições de trabalho. Ou seja, as mulheres deixaram de representar, exclusivamente, o trabalho doméstico e passaram a exercer, também, o trabalho assalariado, especialmente nas fábricas. Dessa forma, foi justamente, neste contexto, que surgiram os primeiros movimentos de luta das mulheres.

Destaca-se que o feminismo perdeu força na década de 1930, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, e ressurgiu na década de 1960, influenciado pela obra de Simone Beauvoir, chamada O Segundo Sexo, publicada em 1949. Na década de 1960, os Estados Unidos viveu o período da Guerra do Vietnã e o surgimento do movimento hippie, na Califórnia, que foram condicionantes numa perspectiva de mudança em relação aos valores morais e de consumo defendidos na época. Em Paris, ocorreu o chamado “Maio de 68”, onde estudantes ocuparam a Universidade Sorbonne e realizaram diversas reivindicações relacionadas às questões sociais, dentre outras solicitações. Tal movimento influenciou todo o mundo. Portanto, conforme exposto, na década de 1960 o movimento feminista se

intensificou nos Estados Unidos e na Europa (Pinto, 2010, pág. 16).

Percebe-se que a intensificação do movimento feminista na década de 1960, período considerado como a segunda onda do movimento, também está ligada à predominância do capitalismo, especialmente, na necessidade do uso da força de trabalho feminino, que permitiu o acesso de algumas mulheres à educação. Sobre a perspectiva capitalista no movimento feminista, aduz Natália Pietra Méndez que:

O incremento da instrução escolar para a população feminina foi uma demanda da sociedade capitalista. Era necessário capacitar minimamente as mulheres da classe proletária para o desempenho das atividades laborais. Ao mesmo tempo, aquelas pertencentes a classes mais elevadas passaram a ter acesso à leitura e à escrita, pois ser letrada constituía um atributo necessário à boa esposa e mãe de família. Os graus de instrução variavam de acordo com a classe social, mas, em meados do século XIX e princípios do século XX, até mesmo as operárias possuíam mais facilidades de acesso à alfabetização. Portanto, é possível afirmar que, nesse período, um número significativo da população feminina dos Estados Unidos e da Europa sabia ler e escrever. A massificação da alfabetização teve uma repercussão fundamental para a proliferação de idéias emancipacionistas entre as mulheres (Méndez, 2005, pág. 2).

Diante disso, depreende-se que a inserção das mulheres no trabalho laboral, mesmo em condições precárias, possibilitou a conscientização por parte de algumas delas pela busca de melhores condições de trabalho e no questionamento sobre os meios de exploração capitalistas utilizados na época. A chamada “massificação da alfabetização”, como acima citado, permitiu a inclusão das mulheres em ofícios variados, porém, também, incitou resistências por parte dos homens burgueses, proletariados, inclusive os defensores do socialismo, ou seja, iniciou-se uma discussão em torno vários aspectos, especialmente, sobre a questão de gênero. Méndez (2005, pág. 5), afirma, neste sentido, que:

[...] verifica-se, já no século XIX, a existência de dois movimentos paralelos: de um lado, a discussão sobre a situação da mulher proletária, centrada nas questões da desigualdade de direitos trabalhistas e na exploração da mão-de-obra; de outro, a organização de mulheres pertencentes principalmente aos segmentos médios, intelectualizadas, com o objetivo específico de lutar pela emancipação feminina e a pela conquista de direitos civis. Apesar de diferirem na origem e nos objetivos, esses dois movimentos apontavam para uma direção comum: a sociedade precisava rediscutir os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Cada greve encabeçada por operárias e cada periódico ou manifestação das feministas contribuíam para criar uma cultura de contestação. Por que a sociedade sempre havia sido dirigida e pautada pelos homens? Se as mulheres estavam demonstrando iguais condições de produzir, pensar e trabalhar, por que razão não haveriam de ter os mesmos direitos?

Além disso, a segunda onda do feminismo também se destaca pela expansão das reivindicações relacionadas com as desigualdades sociais, culturais, acesso a métodos contraceptivos, legalização do aborto, liberdade sexual, decisão sobre o corpo, diferenças salariais entre homens e mulheres, dentre outros aspectos (Duarte, 2015, pág. 43 e 44).

Pela análise do que acima foi exposto, sem pretensões de esgotar o tema, infere-se que o movimento feminista, tanto da primeira onda quanto na segunda onda, mesmo que em momentos diferentes da história, teve importância em vários aspectos para a sociedade mundial e influenciou os questionamentos sobre as relações de gênero estabelecidas naqueles períodos. As mulheres reivindicavam não só o direito ao voto, mas sim, igualdade, reconhecimento e o fim da opressão motivada por uma sociedade patriarcal. Isso demonstra a diversidade, pluralidade e importância das questões em que se encarregou o movimento feminista.

Dessa forma, as reivindicações travadas pelas feministas do século XIX surtiram efeitos, especialmente, na aprovação do voto para as mulheres no século XX, dentre outras conquistas. Além disso, culminou com uma nova consciência sobre as relações de gêneros e desigualdades, porém, o avanço do capitalismo intensificou as mencionadas desigualdades sofridas pelas mulheres, que, além de responsáveis pelo trabalho doméstico, no cuidado da família e dos filhos, passaram a ter jornadas excessivas de trabalho fora do lar. Portanto, não houve emancipação feminina com o advento do capitalismo, mas, sim, a intensificação de um sistema de desigualdades e de opressões.

A influência da teoria marxista para o feminismo

Na segunda metade do século XIX a questão feminista surge no debate marxista, bem como nas produções teóricas sobre o tema. Neste sentido, Karl Marx e Friedrich Engels, contribuíram, mesmo indiretamente, para a formação e consolidação de uma teoria feminista baseada no marxismo, haja vista a desigualdade de classe vivida pelas mulheres neste período. Somada a essa questão, importante considerar a questão da inserção das mulheres no mercado

de trabalho, bem como a situação de invisibilidade e opressão, consequentemente, ampliadas por conta da consolidação do sistema capitalista. Sobre essa perspectiva Silvia Federici defende que:

[...] o trabalho de Marx tem sido de grande contribuição para o desenvolvimento da teoria feminista, embora não se baseie essencialmente em seus pronunciamentos diretos sobre o tema. Seu método histórico-materialista não apenas ajudou a demonstrar que as hierarquias e identidades de gênero são construções. Suas análises sobre a acumulação capitalista e a criação de valor deram também às feministas da minha geração ferramentas poderosas para repensar tanto as formas específicas de exploração a que as mulheres foram submetidas na sociedade capitalista quanto a relação entre sexo, raça e classe. Porém, o uso que as feministas fizeram de Marx as conduziram, na melhor das hipóteses, em uma direção diferente daquela que ele traçou (Federici, 2018a, pág. 3).

Ainda, para a referida autora, no volume 1 de “O Capital”, Marx examina a questão de gênero pela primeira vez apenas em relação às condições do trabalho nas fábricas realizados pelas mulheres, ou seja, ele não abordou o trabalho, incluído o doméstico, das mulheres dentro da família burguesa, o que, consequentemente, demonstra algumas limitações do trabalho por ele desenvolvido. No referido volume 1 do livro constam relatórios de inspetores de fábricas, da década de 1840, com abordagem sobre o limite de horas de trabalho para mulheres e crianças, principalmente, nos capítulos sobre “A jornada de trabalho” e “Maquinaria e grande indústria”. Referidos relatórios demonstram a estrutura da produção capitalista, incluindo o aumento das horas de trabalho, o limite da resistência física dos trabalhadores, a desvalorização da força de trabalho, bem como o excesso de trabalho de um número reduzido de trabalhadores (Federici, 2018a, pág.5 e 6).

Marx, portanto, em sua obra “O Capital”, debruçou na descrição sobre as situações de exploração que representa o modo de produção do sistema capitalista, mas não se aprofundou sobre a análise relacionada ao gênero. Dessa forma, permaneceu uma lacuna na teoria marxista em relação à situação de subordinação das mulheres e as lutas travadas para a superação dessa situação. Já na obra de Friedrich Engels, denominada “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” de 1884, percebe-se uma preocupação em abordar sobre as condições das mulheres, especialmente, quanto às desigualdades e opressão de gênero. Porém, de acordo com Heleieth Saffioti:

Engels deixou-se iludir por um elemento comum às relações entre as classes sociais e às relações entre os sexos: a dominação. Este fenômeno, entretanto, apresenta muito maior amplitude que o fenômeno da propriedade. Se por um lado, a propriedade condiciona certas formas de domínio, podendo-se mesmo afirmar que a

dominação economicamente condicionada decide dos destinos de uma sociedade competitiva em épocas normais, por outro, existem formas de domínio que não derivam diretamente da propriedade privada (Saffioti, 2013, p. 121).

Isto posto, em que pese a existência de lacunas nas teorias desenvolvidas pelo marxismo na época sobre a realidade vivenciada pelas mulheres, importante considerar que a teoria de Marx e Engels contribuiu para compreender as raízes históricas da subordinação, opressão, invisibilidade e reprodução das mulheres na consolidação do capitalismo mundial, especialmente na década de 1970 e pela noção da existência de diferentes classes sociais. Inclusive, importante ressaltar que em outras obras, Marx e Engels, trataram do tema do presente trabalho.

Silvia Federici, sobre a questão acima exposta, destaca que, na década de 1970, as feministas da época, esgotadas com as condições de subordinação e de trabalho, especialmente, o doméstico, buscaram na teoria de Marx explicações sobre a opressão com uma análise voltada para a questão de classe. Para ela, essa perspectiva teórica causou uma revolução que influenciou o marxismo e o feminismo (Federici, 2018b, pág. 6).

Sobre a questão do trabalho doméstico não assalariado das mulheres, o livro “O Capital” de Marx, não o reconhece, ou seja, retrata apenas o trabalhador assalariado como força de trabalho, portanto, exclui da análise o trabalho não remunerado realizado pelas mulheres, a exemplo do preparo de alimentos, cuidado dos filhos e da família, etc. Para Marx a procriação era considerada um fenômeno natural e que o capitalismo não dependia disso para expandir (Federici, 2018b, pág. 3 e 4). No que tange à responsabilidade pela reprodução das mulheres, o capitalismo necessita de mão de obra para sua consolidação, assim como destacam Nancy Fraser e Rahel Jaeggi:

A atividade reprodutiva é absolutamente necessária à existência do trabalho assalariado, à acumulação de mais-valor e ao funcionamento do capitalismo como tal. Afinal, o trabalhador assalariado não poderia existir nem ser explorado na ausência do trabalho doméstico, da criação das crianças, da formação escolar, do cuidado afetivo e de um conjunto de outras atividades que produzem novas gerações de trabalhadores, repõem as gerações existentes e mantêm vínculos sociais e compreensões compartilhadas. Assim como a “acumulação original”, portanto, a reprodução social é condição de fundo indispensável à possibilidade da produção capitalista. (Fraser e Rahel, 2020, pág. 46).

Assim, depreende-se que o trabalho doméstico, não assalariado, mesmo invisibilizado,

contribuiu para a sedimentação do capitalismo mundial, haja vista a possibilidade de exploração pelo referido sistema desse tipo de atividade. Referido trabalho foi importante na manutenção da subordinação das mulheres, na reorganização de uma família proletariada que, em busca de acumulação de capital, se submetia ao sistema sem o contestar. De acordo com Karl Marx a produção do capital:

“[...] não é apenas produção de mercadoria, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital” (Marx, 1984, p. 105-106).

Ocorre que, como já anteriormente destacado, as mulheres não se tornaram meras espectadoras dessas situações e utilizaram o marxismo para repensar a opressão por elas sofrida.

Para Cecília Toledo, o marxismo permanece único em sua capacidade de oferecer uma solução prática para a opressão das mulheres, reconhecendo que ela decorre de circunstâncias econômicas e não ideológicas ou culturais. Marx e Engel traçaram uma distinção clara no Manifesto entre socialismo utópico e científico, com Marx enfatizando que os socialistas utópicos pré-marxistas que clamavam pela liberdade das mulheres falharam em compreender as leis da história e da luta de classes. Em contraste, o marxismo forneceu uma estrutura materialista científica que tratou sobre a emancipação das mulheres (Toledo, 2001, pág. 13).

Ainda para a citada autora, a opressão das mulheres não seria exclusiva do capitalismo, ou seja, é um problema antigo relacionado à exploração de trabalhadores de todos os gêneros. Enquanto o capitalismo exacerba essa opressão, ele também encontra novas formas de lucrar ao se firmar em diferentes classes sociais. Ao descobrir que a opressão das mulheres não tinha apenas raízes culturais ou psicológicas, mas também econômicas, o marxismo revelou sua relação com uma sociedade de classes baseada na propriedade privada e um sistema de produção baseado na segregação racial. Ao identificar esse problema fundamental, o marxismo traça o caminho necessário para a emancipação, que é a eliminação da propriedade privada. Dessa forma, eliminar a propriedade privada poderia capacitar a sociedade para assumir as responsabilidades domésticas e familiares atualmente atribuídas às mulheres (Toledo, 2001, pág. 14).

Portanto, em que pese as citadas lacunas do marxismo, depreende-se pela análise das obras mencionadas no texto, que tal teoria foi importante para influenciar, de forma ampla, a teoria feminista no que tange à compreensão da questão da opressão de gênero, de classe e as situações a elas correlacionadas, principalmente, se levarmos em consideração o capitalismo e suas formas de exploração, a bases concretas de subordinação impingidas sobre as mulheres. Porém, ressalta-se que pela pluralidade de correntes feministas, nem todas foram concebidas ou influenciadas pela teoria desenvolvida por Marx.

A influência da teoria marxista para o ecofeminismo

A teoria feminista passou por várias fases e influências, como anteriormente abordado de forma resumida, inclusive, com reivindicações diferenciadas. Portanto, o feminismo se aproximou de outras pautas, a exemplo da luta pela conservação e preservação do meio ambiente. A opressão das mulheres e a exploração da natureza foram a base para o surgimento do chamado ecofeminismo. Sobre a origem do ecofeminismo, Raquel Cristina Pereira Duarte aduz que:

O termo ecofeminismo tem sua origem com a escritora francesa Françoise D'Éaubonne (1920-2005), em seu ensaio literário *Le féminisme ou la mort* lançado em 1974. Nesta obra, a autora sugere que as mulheres, assim como a natureza, são dominadas pelo patriarcado, que se apropria da fecundidade – da mulher, e da fertilidade – da natureza. O ser humano enxerga o meio ambiente enquanto um objeto que pode e deve ser dominado. A natureza para ele nada mais é do que uma produtora de recursos que são quantificados e valorados de modo a perpetuar o sistema de produção em grande escala. De maneira semelhante, as mulheres são definidas universalmente por seu papel materno e doméstico na sociedade. Esse status feminino relacionado unicamente a fatores biológicos/naturais é tido como inferior e desvalorizado e empregado como pretexto para colocar a mulher em situação de subordinação. D'Éaubonne estava preocupada com o crescimento populacional e afirmava que se as mulheres estivessem no poder, desde o princípio teriam direito a seu corpo e à decisão sobre a maternidade, logo, de maneira que não se chegaria ao problema da superpopulação mundial enfrentado hoje. Assim, Puleo aclara que a autora defendia o que hoje o movimento feminista chama de direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, ao tempo em que criticava a sociedade de consumo forjada no capitalismo (Duarte, 2015, p. 56).

Dessa forma, o ecofeminismo, que ganhou força da década de 1970, tem como objetivo combater, entre outras coisas, a opressão da mulher, a destruição da natureza, o

avanço da tecnologia, além de refletir sobre as questões sociais. Com a ascensão desse movimento, surgiu a necessidade de romper com o sistema patriarcal, como forma de dominação impostas à mulher e no incentivo de sua participação na política, economia, meio ambiente, cultura, ou seja, em todos os campos seu interesse. Ou seja, a teoria ecofeminista ressalta como as questões relacionadas ao patriarcado, consequentemente à dominação e controle das mulheres, estão interligadas com a degradação da natureza e com a opressão de gênero.

Importante considerar que atualmente existem diversas versões relacionadas ao ecofeminismo, porém, o presente trabalho, sem pretensões de aprofundar sobre as suas diversas modalidades, tem a intenção de demonstrar a relação entre a teoria marxista e o ecofeminismo.

Assim, sobre a influência da teoria marxista no ecofeminismo, Silvia Federici destaca que a questão da reprodução, tratada por Marx, e a dominação da natureza fortalece a desvalorização das mulheres. Em específico, a citada autora menciona os trabalhos de Maria Mies (1986) e Ariel Salleh (1997), que defendem que a abordagem sobre a reprodução feita por Marx em “O Capital” não foi acidental, mas sim sistêmica. Aduz a autora, ainda, que Salleh aponta que para Marx o que era criado pelo homem e pela tecnologia tinham um valor maior, bem como que a realização do ser humano se daria em razão do trabalho e na dominação da natureza (Federici, 2018b, pág. 7).

Portanto, depreende-se que o feminismo, influenciado pelo marxismo como tratado no tópico anterior, foi responsável pela concepção de um ecofeminismo com a mesma base teórica. A relação entre o capitalismo, o patriarcado e exploração da natureza formam uma das bases para o desenvolvimento de uma teoria ecofeminista, como já mencionado. Inclusive, o trabalho da socióloga alemã Maria Mies, citada acima, serve de base para a concepção de um ecofeminismo materialista (Barca, 2020, pág.10 e 11). Ainda, menciona Stefania Barca que:

Contudo, dois outros trabalhos fundadores devem ser mencionados como inspiradores do ecofeminismo socialista. Primeiro, o livro *Ecological Revolutions* de Carolyn Merchant (2010), que propunha uma abordagem de matriz marxista, ecológica e feminista para interpretar a história ambiental da região de New England, nos Estados Unidos, a partir da conquista colonial, colocando a ecologia (compreendida como uma natureza não-humana ativa e autônoma) no centro de três esferas de interação dinâmica: produção, reprodução e consciência. O segundo, mais

conhecido no âmbito do ecofeminismo socialista, é o livro *Caliban and the Witch* de Silvia Federici (2004). Ativista e intelectual feminista marxista, mundialmente conhecida pelo seu envolvimento com o debate sobre o trabalho doméstico e a organização política nos anos 1970, Federici ofereceu um estudo aprofundado de como, na Europa do século XVII, o corpo feminino foi transformado “num instrumento [...] para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de reprodução, funcionando de acordo com ritmos fora do controle feminino” (Federici, 2009: 49) (Barca, 2020, pág. 11 e 12).

Percebe-se, pelas leituras das obras citadas no presente tópico, que o ecofeminismo se preocupou em estabelecer uma crítica ao sistema capitalista, bem como ao antropocentrismo e androcentrismo. A intenção do ecofeminismo é a de buscar igualdade entre homens e mulheres, bem como superação do pensamento de exploração e dominação da natureza. Mesmo existindo diversas correntes, o ecofeminismo partilha de ideais em comum. Para corroborar com tais argumentos, Tânia Kuhnén menciona que:

A abordagem ecofeminista tem mostrado que o processo de dominação da natureza é parte do sistema capitalista patriarcal mundial, associado à ideia de modernização, progresso tecnológico e desenvolvimento. [...] A literatura ecofeminista destaca o protagonismo de mulheres na luta ecológica, que ocorre devido à percepção de uma vinculação entre a ameaça a formas de vida e organização humanas e a destruição do meio ambiente. Tais movimentos organizados de mulheres têm se dado conta da relação entre a violência patriarcal contra as mulheres e outros indivíduos que não correspondem ao perfil do homem masculino branco e a dominação da natureza tendo em vista sua exploração para o acúmulo do capital em detrimento da destruição de modos de vida de coletivos locais tradicionais (Kuhnén, 2017, pág.7).

Dessa forma, restou demonstrada a influência da teoria marxista no ecofeminismo, como bem defendido nas obras de Silvia Federici citadas no texto, inclusive, tais posições defendidas pela citada autora, servem de reflexão sobre o futuro da exploração da natureza e das mulheres. Em que pese as lacunas já citadas sobre a questão da opressão de gênero nas obras marxistas, tal silenciamento foi responsável pela busca de superação dessas situações e, como consequência, fortaleceu a concepção de uma teoria ecofeminista, influenciada pelo marxismo, que busca romper com as dominações e explorações impulsionadas pelo desenvolvimento do capitalismo, como anteriormente destacado.

Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi abordar, resumidamente, a relação e influência da teoria marxista para o feminismo e o ecofeminismo. Dessa forma, a primeira seção, ao tratar sobre o surgimento do feminismo, possibilitou a compreensão e a motivação das mulheres para a superação da dominação, subordinação e opressão mencionadas a partir do século XIX. O movimento feminista, especialmente pela importância das ondas mencionadas, foi condicionante para a busca de um rompimento de uma sociedade moldada, exclusivamente, para a dominação masculina. Ainda, o movimento demonstrou que as mulheres não foram pacíficas no que se refere à dominação e opressão vivenciadas, ou seja, a história demonstra que elas se insurgiram contra o sistema vigente e buscaram justas reivindicações.

Após o breve relato histórico e o destaque para a importância do feminismo, o texto abordou, na segunda seção, sobre as influências teóricas do marxismo para o movimento feminista. Destaca-se que, em que pese a pluralidade de pautas do feminismo, a intenção do texto foi a de demonstrar a importância da teoria marxista para a construção do feminismo. Portanto, as pesquisas realizadas, baseadas nas bibliografias indicadas na seção mencionada, permitiram a compreensão de que, mesmo com a existência de lacunas da teoria marxista sobre as questões de gênero e da dominação imposta na vida das mulheres, ainda assim, referida teoria foi muito importante na conscientização da necessidade pela busca de uma resistência feminina.

A teoria marxista, ao aprofundar sobre os mecanismos de dominação utilizados pelo capitalismo, mesmo que indiretamente e de forma genérica, inspiraram as mulheres sobre as situações de subordinação vividas. A ampliação do uso da mão de obra feminina para fortalecimento do capitalismo, o trabalho doméstico não assalariado e a questão da reprodução, como destacados no texto, foram questões importantes para o desenvolvimento do movimento feminista. Frise-se que restou evidente a influência da teoria marxista para a conscientização sobre a história da dominação, como defendido pelas autoras citadas no texto.

Sobre o movimento ecofeminista, destaca-se que a teoria feminista, mesmo plural e com reivindicações de variadas pautas, foi a responsável pelo seu surgimento. Como evidenciado no texto, na terceira e última seção, o ecofeminismo surgiu de uma necessidade

de se discutir a relação entre a exploração da natureza e as formas de opressão sofridas pelas mulheres, conseqüentemente, com uma abordagem crítica sobre o capitalismo e suas formas de exploração. Desse modo, diante do exposto, restou evidente que a teoria marxista também refletiu para a concepção teórica do ecofeminismo.

Por fim, depreende-se que a teoria marxista, mesmo com as mencionadas lacunas, foi importante e necessária para a compreensão da história de dominação das mulheres motivada por uma sociedade fortemente patriarcal e capitalista. Portanto, a pesquisa possibilitou o estabelecimento de uma interligação entre os temas, haja vista que o feminismo contribuiu, diretamente, para o surgimento do ecofeminismo e, ambos os movimentos, foram influenciados pela teoria marxista, como efetivamente apresentado no texto.

Referencias bibliográficas

AYMORE, D. . O ecofeminismo e a relação entre natureza e mulher. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 17, n. 1, p. 175-192, 14 ago. 2020.

BARCA, Stefania. Forças de reprodução. O ecofeminismo socialista e a luta para desfazer o Antropoceno. **e-cadernos CES**, n. 34, 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. v.1. Nova Fronteira, 2019.

CISNE, Mirla; FERREIRA, Verônica. Feminismo e desigualdade: uma análise materialista das relações de opressão-exploração das mulheres. **Argumentum**, v. 13, n. 3, p. 7-20, 2021.

DE CÁSSIA GODOI MORAES, L. Da relevância do materialismo histórico dialético para uma análise feminista. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. e37831, 2020. DOI: 10.15448/1677-9509.2020.2.37831. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/37831>. Acesso em: 7 ago. 2023.

DUARTE, Raquel Cristina Pereira. **O ecofeminismo e a luta pela igualdade de gênero**: uma análise à luz da teoria bidimensional de justiça. 2015.

ENGELS, Friedrich. 2014. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. BestBolso, São Paulo.

FEDERICI, Silvia. 2017. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Editora Elefante, São Paulo.

FEDERICI, S. Notas sobre gênero em O Capital de Marx. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, n. 10, p. 83–111, 2018a. DOI: 10.20396/cemarx.v0i10.10922. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10922>. Acesso em: 6 ago. 2023.

FEDERICI, Silvia. Marx and Feminism. *tripleC: Communication, Capitalism & Critique*. Open Access Journal for a Global Sustainable Information Society, v. 16, n. 2, p. 468–475, 4 maio 2018b.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo (v. 1)**. Boitempo Editorial, 2021.

FRASER, N; JAEGGI. R. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. 1ª ed. São Paulo. Boitempo, 2020.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11–33, 2009. DOI: 10.5433/21766665.2009v14n2p11. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505>. Acesso em: 6 ago. 2023.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018.

KUHNEN, Tânia A. **A crítica ecofeminista ao paradigma do desenvolvimento: a necessidade de repensar a relação humana com a natureza**. In: Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500226029_7_Texto_completo_MM_FG_ecofeminismo.pdf>. Acesso em 16 de agosto de 2023.

MARTINS, M. T. de S. L.; ALCANTARA, K. R. de. Mudanças da Condição Feminina na Atualidade: Revisitando a História do Feminismo. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14293>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MARX, Karl. **O capital**. v. I, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Revista Mulher e Trabalho: as mulheres no mundo do trabalho** (parte II). v. 5. Fundação de Economia e Estatística, RS, p.51-53, 2005. p. 51. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2712>. Acesso em: 3 ago.2023.

OKSALA, Johanna. Feminismo, Capitalismo e Ecologia. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 8, n. 2, p. 210-235, 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade**. 3ª ed. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. 2015. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Expressão Popular, São Paulo.
TOLEDO, Cecília. Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. **Cadernos Marxistas**, 2001.